

CONCERTO-INSTALAÇÃO

Arquitetura dos Sons

Ensemble DME



 CENTRO DE ARTE MODERNA
GULBENKIAN

26 mar DOMINGO

SALA DO FOYER

16:00 | 17:30

RÉVOLUTIONS
XENAKIS

Arquitetura dos Sons

Ensemble DME

Programa

Iannis Xenakis

Bohor, 1962 (estreia nacional)

Eletrónica 8 canais, 20'

Cândido Lima

ETHNON – Canto do Paraíso, 2010-2012

Piano solo, 16'

Ângela Lopes

Gárgulas d'Arga, 2013

Flauta, clarinete, violino, violoncelo, piano e eletrónica, 10'

Diogo Alvim

Posição Relativa, 2022

Flauta, clarinete, violino, violoncelo e percussão, 10'

Encomenda do projeto DME (2022)

Duração 56 min

Nota: pode haver alterações à ordem do programa.

A expressão «arquitetura dos sons» alude ao *métier* de Iannis Xenakis (1921/1922-2001), arquiteto e compositor de profissão, e ao de Diogo Alvim (1979), arquiteto e compositor de música instrumental e eletroacústica, que partilham nas obras apresentadas, *Bohor* e *Posição Relativa*, uma preocupação singular com o espaço.

Apresentada pela primeira vez em Portugal, *Bohor* é a primeira obra eletroacústica de Xenakis composta para 8 canais, um dispositivo com uma configuração geométrica que convida a uma experiência de som densa e imersiva, no «interior» do som. A peça reúne gravações de canto bizantino e piano, sons de joalheria iraquiana e hindu, entre outros, e desenvolve-se num contínuo de cerca de 20 minutos em direção a uma progressiva morfose das fontes sonoras que originaram a obra.

Posição Relativa, de Diogo Alvim, é uma peça que exige um «jogo de atenção e escuta», na qual as ressonâncias de cada acorde, as entradas sincronizadas dos músicos e a sua movimentação para posições definidas, estão dependentes do espaço em que decorre o concerto. A peça não só trabalha o espaço, como devém espaço.

O programa completa-se com obras dos compositores Cândido Lima (1939), um dos mais importantes discípulos académicos de Iannis Xenakis, e Ângela Lopes (1972), que traçam uma genealogia do legado de Xenakis em Portugal.

ETHNON – Canto do Paraíso para piano solo, de Cândido Lima, é uma paráfrase de outra obra do compositor – *Gestos-Circus-Círculos*, de 2000-2001, para ensemble e eletrónica em tempo real, composta para a pianista Ana Telles, solista neste concerto.

A orquestração eletroacústica de *Gárgulas d'Arga*, de Ângela Lopes, combina sons de uma pequena cítara, de piano e de vibrafone, com sons de água da serra d'Arga, resultando em diferentes espessuras, intensidades e registos. O título provém do francês *gargouille*, que representa o som gorgolejante da água.

Realizado no contexto da apresentação da exposição *Révolutions Xenakis*, comemorativa do centenário de Iannis Xenakis, o concerto-instalação tem curadoria do Ensemble DME e integra a programação do CAM.

Iannis Xenakis

Bohor, 1962

Bohor, a última das cinco obras eletrônicas compostas por Iannis Xenakis no estúdio do Grupo de Investigação Musical da O.R.T.F. (rádio e televisão pública francesa), em Paris, é dedicada a Pierre Schaeffer. Segundo o compositor, *Bohor* é «uma música monística de pluralidade interna, convergente, retraindo no ângulo agudo do fim».

A projeção espacial das oito pistas magnéticas é aqui explorada não pela cinemática que a projeção torna perceptível, mas para enriquecer a qualidade sonora. A sofisticação desta percepção revela, a partir de uma espécie de acumulação da informação, a diversidade infinitamente variada das microestruturas.

Xenakis não deu deliberadamente qualquer informação descritiva sobre a sua obra, deixando o ouvinte escolher o seu próprio caminho.

Benoît Gibson

Biografia

Iannis Xenakis (1921/1922-2001) foi um arquiteto, matemático, engenheiro e compositor grego, precursor da música eletrônica. Estudou engenharia na Universidade Técnica Nacional de Atenas, onde se encontrava na altura em que rebentou a Segunda Guerra Mundial. Aliou-se à Resistência, tendo sido gravemente ferido e exilado. Fugiu para Paris, onde trabalhou com Le Corbusier no Convento de Sainte-Marie de La Tourette e no Pavilhão Philips. No campo da música, seguiu os ensinamentos de Olivier Messiaen e do maestro Hermann Scherchen. Na década de 1970 criou os seus famosos polítopos, grandiosos espetáculos de som e de luz que o tornaram conhecido junto de um público numeroso. Na década seguinte, desenvolveu o programa informático GENDY, que permitia gerar sons através de um computador. Faleceu a 4 de fevereiro de 2001, deixando um catálogo composto por mais de 150 obras, onze das quais foram encomendadas diretamente ao compositor pela Fundação Gulbenkian.

Cândido Lima

ETHNON – Canto do Paraíso, 2010-2012

ETHNON – Canto do Paraíso tem origem na obra *Gestos-Circus-Círculos*, para cinco instrumentos e eletrónica em tempo real, encomenda da Porto 2001-Capital Europeia da Cultura, por proposta de Miguel Azguime, a quem a obra é dedicada. Foi estreada pelo Grupo Música Nova no Teatro Helena Sá e Costa, no âmbito do Festival Música Viva de 2001, e foi de novo executada em 2007 e 2009 pelo Sond'Ar-Te Electric Ensemble no Instituto Franco-Português, no Mosteiro dos Jerónimos e na Casa da Música, durante o Festival Música Viva. A pianista Ana Telles, integrando o Sond'Ar-Te nestes concertos, interessou-se pelo piano de *Gestos-Circus-Círculos* e exprimiu-o ao longo do tempo, recebendo do compositor a promessa de uma versão para piano. A obra foi escrita entre 2010 e 2012.

O compositor partiu do piano original, mantendo intacta a sua identidade de origem. Uma melodia de tradição popular desempenha um papel nuclear em ambas as obras. Esta canção da ceifa, que o compositor utilizou em *Gestos-Circus-Círculos*, foi extraída de um dos discos (LP) de uma coletânea de seis, conhecidos por «discos de serapilheira» (revestidos, efetivamente, de serapilheira), de Michel Giacometti, comprados, anos idos, num alfarrabista lisboeta. O «canto do paraíso» é, ao mesmo tempo, a melodia anónima e a voz de Catarina Chitas, figura popular de Penha Garcia, Idanha-a-Nova, Beira Baixa. Esse subtítulo é dedicado à sua voz e o título principal *ethnon* (povo, em grego) às vozes de todos os lugares. A curiosidade levou-me à internet, a internet levou-me à «voz do paraíso», cantando para o gravador de Michel Giacometti a cantiga desse registo fonográfico!

Todo o emaranhado de emoções sonoras e afetivas desta espécie de poema popular teve em conta a vontade recíproca do compositor e da pianista, assim como o seu virtuosismo e as suas qualidades de intérprete, fatores na exploração das possibilidades que tal projeto implicava. A obra é dedicada a essa notável pianista e investigadora Ana Telles.

A nova partitura foi arquitetada a partir de processos de ampliação, expansão e projeção, numa proliferação dos materiais motílicos (neumáticos), rítmicos, tímbricos e harmónicos do piano da partitura original de *Gestos-Circus-Círculos*.

Entre diversas técnicas pianísticas e de composição utilizadas em *ETHNON– Canto do Paraíso*, de destacar efeitos de ressonância, de filtro, de sobreposições (de culturas!), de modulação de frequência e de amplitude (simuladas), além da presença de processos técnicos da música medieval e de músicas não europeias. O piano transfigura-se, assim, num pequeno coro e numa pequena orquestra e o intérprete criará, por caminhos pessoais, planos de tempo e de alturas, de ritmos e de harmonias. A voz popular passa, como uma sombra, por todos estes caminhos sinuosos, envolta numa atmosfera a um tempo lúdica e lírica de vozes imaginárias.

Cândido Lima

Biografia

Cândido Lima (1939) foi fundador do Grupo Música Nova, reformista do sistema de ensino da Música em Portugal e o primeiro compositor português a abordar a informática musical nas Universidades de Paris II e Paris VII, bem como a utilizar o computador em composição musical. Acompanhou Iannis Xenakis em aulas privadas e no Instituto de Estética e Ciências da Arte, na Sorbonne, de quem se tornou um dos mais importantes discípulos académicos. Entre outros eventos em que Lima promoveu a música erudita contemporânea, incluindo em numerosos programas televisivos, destaca-se o seu papel com Xenakis em junho de 1973, para o memorável «Encontro com Xenakis» no Cinema Trindade.

Ângela Lopes

Gárgulas d'Arga, 2013

Esta obra é uma encomenda do Sond'Ar-te Electric Ensemble e tem como formação instrumental flauta (em dó e em sol), clarinete (em sib, em mib e clarinete baixo), violino, violoncelo, piano e eletroacústica.

Gárgulas (ou desaguadouros) são a parte saliente das calhas de telhados que se destinam a escoar águas pluviais e que, na Idade Média, eram ornadas com figuras monstruosas, humanas ou animais. Originalmente do francês *gargouille*, palavra representando o gorgolejante som da água. Como o som que guardo na memória (e em gravação) de um pequeno riacho que corre por entre pedras, ervas e arbustos, num vale em forma de garganta, na serra de Arga, norte de Viana do Castelo. Paisagem idílica que tive a oportunidade de conhecer aquando de gravações para a obra «Músicas de Villalaia-na-coros oceânicos» do compositor Cândido Lima. É daqui que nasce a ideia do título. De uma atmosfera, de um som, de um perfume, de um Éden terrestre.

Sem programa pré-concebido, a obra assenta na manipulação de intervalos que se opõem, anulam, repelem, fundem, em aglomerações e combinações de sonoridades, em formações harmónicas ora simples e complexas, ora calmas e extremas, em torno de centros de atração e repulsa, de registos e de dinâmicas, em volta de intervalos privilegiados como centros polarizadores. Assim, a ideia extramusical, a água e a atmosfera à sua volta e à volta dos simbolismos das gárgulas, da serra e das suas sinuosas configurações, vão estruturando o fluir o tempo e o fluxo da forma, e assim nascem a harmonia, o timbre e as sonoridades orquestral e eletrónica, o ritmo e o tempo, as densidades e o espaço, ora compacto, ora elástico.

A orquestração eletroacústica provém de quatro fontes: sons de uma pequena cítara (para o ensino da música da Alemanha de Leste), sons de piano e de vibrafone, e ainda sons de água desse lugar paradisíaco da serra d'Arga. Sons em eco(s) como os ecos dos vales d'Arga, grãos sonoros em longos *delays*, num *continuum*, e em camadas, sons de vozes reverberantes, flashes, sinos longínquos, *ostinati* encantatórios.

Gesto englobado colorido pelo aparecimento dos sons de piano, vibrafone e pela água de Arga. Contrastes de espessuras, de intensidades e de registos. Gestos ora tumultuosos, ora calmos, ora dramáticos, ora poéticos como as águas da serra, que combinam e articulam com os quatro instrumentos acústicos de «Gárgulas d'Arga».

Ângela Lopes

Biografia

Ângela Lopes (1972) é uma das vozes mais ativas e prolíferas da composição musical em Portugal, com um importante papel no ensino da composição, em particular no ensino artístico especializado na região norte do país. Ângela Lopes desenvolveu um percurso composicional sólido marcado pelo seu trabalho com os meios eletroacústicos e instrumentais, frequentemente partindo de conceções exógenas ao material musical como elementos derivados da literatura, ou conotados com a sustentabilidade e o feminismo.

Diogo Alvim

Posição Relativa

Posição Relativa explora um conjunto de materiais musicais numa sequência de diferentes disposições espaciais. Cada secção repete determinados elementos sonoros, reconfigurados numa nova ordem, e numa nova posição relativa dos músicos.

Sem maestro, os músicos navegam a peça num panorama de maior liberdade de ação, mas também de incerteza. Alguns parâmetros abertos de semi-improvisação permitem a exploração do som enquanto fenómeno atual, presente, e situado, o que é reforçado pela ocupação ativa do espaço.

Diogo Alvim

Biografia

Diogo Alvim (1979) é um compositor de música instrumental e eletroacústica. Estudou arquitetura e composição em Lisboa, tendo terminado em 2016 o doutoramento em composição e artes sonoras no SARC, Queen's University Belfast, com uma dissertação intitulada «Música através da Arquitectura – Contributos para uma Prática Expandida da Composição». Na sua obra *Posição Relativa*, encomenda do projeto DME, Diogo Alvim compõe não apenas alturas, ritmos, timbres e dinâmicas, mas também o espaço.

Ficha técnica

Ensemble DME

Ana Telles, piano
Alex Waite, piano
Beatriz Costa, violino
Carlos Silva, clarinete
Marina Camponês, flauta
Ângela Carneiro, violoncelo
Francisco Cipriano, percussão
Mariana Vieira, eletrónica
Jaime Reis, eletrónica e direção artística
Rita Castro Blanco, maestrina

Equipa de produção DME

Caio Rodrigues
Cristóvão Almeida

CAM – Centro de Arte Moderna

Coordenação Live Arts

Rita Fabiana

Produção

Catarina Ariztía
Diogo Marques
Sofia Mendes

Divulgação

Patrícia Rosas
Ana Teresa Santos
Maria Carolina Cruz
Rita Romão

Design gráfico

Pedro Leitão

Equipa de cena

Direção de cena

Daniela Oliveira (Palcocarisma)

Iluminação de cena

Jorge Filipe Gonçalves, Sérgio Moreira (Lourisom)

Áudio

Tiago Jonatas, Pedro Costa (Lourisom)

Montagem de cena

Althieris Leal (Eficácia Livre), Angelo Mateus Silva (Eficácia Livre)